

SUBENTENDIDOS: OS MOMENTOS DA PRESSUPOSIÇÃO DE DUCROT

THIAGO DE OLIVEIRA MUNHOZ¹

RESUMO

Para uma abordagem semântica que se diverge dos valores de verdade de enunciados e sentenças, o conceito de pressuposição postulado por Ducrot em suas primeiras obras, espargiu na literatura semântica tradicional um novo horizonte epistemológico e uma sensibilidade sempre relegada a “defeitos” de linguagem, o implícito e subjetividade da linguagem. Este artigo almeja refletir sobre os momentos do conceito de pressuposição, abordados por Ducrot em suas obras-primas ‘O dizer e o dito’ e ‘Princípios de semântica linguística: o dizer e não dizer’, este último escrito anteriormente ao primeiro. Para tanto, fez-se necessário pesquisas bibliográficas e artigos científicos da área de semântica linguística, buscando compreender e elucidar os conceitos apresentados por Ducrot nestas obras supracitadas, podendo deste modo concluir este trabalho respaldado pela literatura.

Palavras-chave: pressuposição, discurso, implícito, argumentação da língua.

¹ Especialização MBA em Gestão Empresarial Centro Universitário Amparense – UNIFIA. Curso de Pós-Graduação Lato Sensu (UNIFIA). E-mail: munhozthiago@hotmail.com

SUBENTENDED: THE MOMENTS OF DUCROT'S ASSUMPTION

ABSTRACT

For a semantic approach that diverges from the truth values of utterances and sentences, the concept of presupposition postulated by Ducrot in his early works, spreads in the traditional semantic literature a new epistemological horizon and a sensitivity always relegated to "defects" of language, the implicit and subjectivity of language. This article aims to reflect on the moments of the concept of presupposition, addressed by Ducrot in his masterpieces 'The saying and the said' and 'Principles of linguistic semantics: saying and not saying', the latter written before the first. In order to do so, it was necessary to research literature and scientific articles in the area of linguistic semantics, seeking to understand and elucidate the concepts presented by Ducrot in these works mentioned above, and can thus conclude this work supported by literature.

Keywords: *presupposition, speech, implicit, language argumentation.*

1. INTRODUÇÃO

Este artigo almeja refletir sobre os momentos do conceito de pressuposição, abordados por Ducrot em suas obras-primas 'O dizer e o dito' e 'Princípios de semântica linguística: o dizer e não dizer', este último escrito anteriormente ao primeiro. Para tanto, fez-se necessário pesquisas bibliográficas e artigos científicos da área de semântica linguística, buscando compreender e elucidar os conceitos apresentados por Ducrot nestas obras supracitadas, podendo deste modo concluir este trabalho respaldado pela literatura.

A distinção básica e essencial destes dois momentos apresenta-se na evolução semântica linguística de Ducrot, perpassando a relação dos atos de fala com a pressuposição, desembocando na argumentação como fator intrínseco à linguagem, inscrito nela própria para todas as intenções possíveis.

Na primeira obra, busca-se esmiuçar de maneira extensiva a questão do implícito na linguagem, mais precisamente o implícito dos enunciados, onde reforça os atos interlocutórios como destacado a seguir. "Portanto, para cada lei do discurso, poder-se-ia fazer corresponder um tipo particular de subentendido, dando todo o ato de discurso a entender que satisfaz as condições exigidas por essa lei" (DUCROT, 1977, p. 17). Importante salientar a distinção de discurso, pois se pode atrelá-la à análise do discurso, compreendida pela escola francesa como a teoria materialista do discurso, com as questões ideológicas atreladas a transformação das relações de produção, o que não condiz com o excerto acima (BARBI, 1999).

Entretanto, o autor não se abstém dos fatores sociais, políticos e culturais dos enunciados, pelo contrário, considera e reconhece suas influências nos atos de linguagem, mas quando se refere a discurso, quer expressá-lo como retórico e estilístico. Retórico no sentido do convencimento (persuasão) e estilístico no sentido de ornamental (coesão) (BARBI, 1999).

Seguindo este raciocínio, a abordagem semântica referencialista (Frege, Carnap, Kripke) enfoca no modo de funcionamento da linguagem, enunciados e sentenças explicando o que remete aos objetos no estado de coisas, como são as relações que indicam um referente, mediadas pelo sentido. (SOUZA; OLIVEIRA,

2002). Dessarte, evidencia-se que a abordagem semântica ducrotiana neste aspecto, rompe com o que se nomeia semântica referencialista, partindo para o que se nomeia de semântica não-referencialista, apontado por Guedelha (2018):

A descoberta da pressuposição como realidade linguística contribuiu decisivamente para a pulverização da antiga concepção de que as línguas naturais, como códigos, permitem expressar todos os seus conteúdos de forma explícita. [...] A esse respeito, cabe destacar que Ducrot procurou mostrar que a língua não pode ser definida como um código, um instrumento de comunicação, conforme defendia Saussure.

Retomando as nuances do implícito na linguagem, corroborando com a abordagem não-referencialista supramencionada, a sensibilidade do autor para sinalizar as intenções e subintenções do locutor, além de destacar o interlocutor como ponto chave para a enunciação, emerge de uma profunda reflexão semântica. Considerando fatores aparentemente coadjuvantes, como conteúdos “tácitos”, “subliminares” percebidos pelos referencialistas que deixaram estas questões em aberto, mostram uma percepção deliberadamente perspicaz, capaz de eclodir não só uma nova abordagem, mas também estabelecer novas óticas e problematizações das línguas naturais.

Para reforçar esta ideia, Ducrot (1977, p. 15) exalta proposições explícitas para justificar as proposições suplementares implícitas, deixando clara a existência do posto e pressuposto:

Chamemos A a primeira proposição, que exprime o conselho (Não pergunte minha opinião), e B a segunda, que justifica o conselho (Senão eu a dou). [...] Para justificar o conselho expresso por A, deve-se mostrar que o interlocutor não tem interesse em interrogar. Mas, para que assim seja, é preciso admitir, além da premissa explícita B (equivalente à Se você me interroga, eu lhe respondo), uma premissa suplementar C — não formulada —, que poderia ser, por exemplo, Minha resposta o desagradaria. E é justamente esta premissa C que constitui, no plano do implícito, o conteúdo efetivo da frase global.

Estas lacunas deixadas pelas significações literais (Si) conferem um lugar preenchido justamente pelas significações implícitas (Si), que por existirem

indiscutivelmente, tanto as lacunas como as Si, chegaremos aos subentendidos do discurso. A linguagem neste sentido torna-se um ato que deve atender a determinadas condições para sua realização, levando em conta que é motivada e direcionada para o interlocutor. Obviamente que as intenções do locutor são variadas e dependentes destas condições afirmadas acima, Ducrot (1977, p. 16) ainda explana sobre elas nesta primeira obra:

Não é livre, no sentido em que certas condições devam ser satisfeitas para que se tenha o direito de falar, e de falar desta ou daquela maneira. Não é gratuito, no sentido em que toda fala deve apresentar-se como motivada, como respondendo a certas necessidades ou visando a certos fins. Assim, para o ouvinte, considera-se legítima a atitude de perguntar se o locutor estava autorizado a falar como falou, e quais as intenções que poderia ter quando o fez.

As relações tácitas no ato de fala sempre permearam as regras postuladas tradicionais, o que epistemologicamente Ducrot observou, foram estas lacunas deixadas em aberto que puderam inspirar seu trabalho inicial, expondo não só a existência do implícito como a direção que o ato de fala incide dependendo de seu subentendido. Mormente, nesta primeira obra, trata-se a pressuposição com os atos de fala, no próximo capítulo deste artigo expor-se-á 'O dizer e o dito' para a elucubração a respeito do reexame que Ducrot efetuou para a pressuposição, imprescindivelmente incluindo o fator argumentativo em sua teoria, tornando-se, portanto, a célebre Teoria dos Topoi, que não será aprofundada neste trabalho, porém inevitavelmente exibida em determinados momentos.

Muito interessante notar em uma entrevista concedida a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 1996, mediada pelo entrevistador-tradutor Heronides Maurílio de Melo Moura, esta conversão da pressuposição para a teoria dos topoi, Moura (1998):

Ducrot: É difícil dizer que exista uma linha geral ligando todo o meu trabalho de tantos anos, mas me parece que, apesar de tudo, mesmo se existem contradições entre o meu trabalho anterior, por exemplo na época da teoria da pressuposição, e o que faço atualmente, na Teoria dos Topoi, perduram certas intuições de caráter geral. Parece-

me que a idéia geral que domina todo o meu trabalho é a percepção de que a língua (mais precisamente, deveríamos falar em discurso) não pode ser reduzida à função informativa e que as frases da língua comportam, semanticamente, elementos que não equivalem às condições de verdade. Esta idéia se encontra reiterada nas minhas pesquisas atuais (pesquisas que não são só minhas, como também de Anscombe (1995), Raccah (1995), Carel (1995) e outros, e o nosso esforço visa a descrever integralmente a língua sem fazer uso da noção de condições de verdade, mas já havia algo nessa direção na época da teoria da pressuposição. Com efeito, o que me interessava na noção de pressuposição é que ela mostrava que, entre as informações contidas num enunciado (pois na época ainda me referia às informações contidas no enunciado), há que se fazer uma distinção essencial, a qual não pode ser explicada em termos informativos. Era preciso distinguir, no enunciado, entre aquilo que era pressuposto e aquilo que era posto. Para tomar um exemplo corriqueiro, em 'Pedro deixou de fumar, dá-se como informação que 'Pedro fumava antes' e também que 'Atualmente Pedro não fuma', mas essas duas informações não são colocadas no mesmo plano pelo discurso, o qual dá preferência à segunda informação (que denomino o posto – 'Atualmente Pedro não fuma'). Em função disso, a continuação do discurso se faz a partir desta segunda informação. A partir de 'Pedro deixou de fumar', posso continuar o discurso dizendo 'de modo que provavelmente ele está bem de saúde', mas, por outro lado, não se poderia fazer o encadeamento a partir do elemento pressuposto e dar seqüência ao discurso dizendo a frase 'ele se arrisca então a ficar doente'. Pode-se assim afirmar que existe uma dicotomia entre as duas informações e esta dicotomia não é, em si mesma, de natureza informativa. O critério que me servia para estabelecer a dicotomia era o encadeamento discursivo, que depois ocupará um lugar importante nas minhas pesquisas.

Desta forma, sem sombras de dúvidas a argumentatividade do discurso enumerada na entrevista, desencadeia relações com outras teorias que não trataremos no trabalho, mas que são necessárias para a compreensão holística do fenômeno linguístico abordado, pois na própria conclusão da entrevista chega-se a este ponto, Moura (1998):

A partir desse debate, podemos ver que a formulação de uma teoria do sentido lexical no âmbito da teoria dos topoi suscita uma série de questões instigantes. Entre elas, podemos arrolar : a) a relação entre a Teoria dos Topoi e outras teorias do sentido não-logicistas, como a Teoria dos Protótipos; b) os efeitos para a teoria da tradução da definição do sentido lexical como um 'feixe de topoi'; c) a relação entre os conceitos de implicação lógica e de encadeamento discursivo. São questões para as quais este debate traçou

perspectivas interessantes, mas que merecem um aprofundamento maior.

Após este inventário para a noção geral do conceito de pressuposição, tratar-se-á, no capítulo de reexame da pressuposição, os pontos fundamentais da obra ‘O dizer e o dito’, onde já nota-se um encaminhamento para a análise dos enunciados do ponto de vista não-referencial, não apenas como mudança epistemológica mas como tratar a língua para além de mera função informativa.

2. PRESSUPOSIÇÃO REEXAMINADA

Distintamente da introdução, que se apresentou de forma genérica o conceito de pressuposição, mostrando nos enunciados o pressuposto e o posto, o implícito da linguagem onde o foco principal ainda são os enunciados, neste capítulo abordar-se-á o encaminhamento para a argumentação na linguagem, um direcionamento para o discurso e seus encadeamentos. Longe de debruçar-se profundamente na teoria dos topoi, em sua ampla concepção, far-se-á necessário apresentá-la de forma geral para iniciar-se a construção dos direcionamentos da argumentatividade na língua, pois ela foi abandonada no decorrer do processo evoluindo para os blocos semânticos e encadeamentos argumentativos (OLÍMPIO, 2010). Este panorama geral incide para ilustrar o capítulo anterior, especificamente as evoluções do trabalho de Ducrot.

Posteriormente às explanações dos topoi, retornar-se-á ao reexame do conceito de pressuposição, explicado por Ducrot na obra ‘O dizer e o dito’, onde existe um capítulo específico para estes novos pontos de vista sobre a pressuposição, incluindo novo e desenvolvido sentido para este conceito.

Incólume o sentido do implícito nestas abordagens semânticas, podemos observar a evolução da teoria dos topoi na concepção e acepção da realidade: o fator argumentativo da língua, intrínseco, inerente a ela, observada nesta passagem do percurso teórico argumentativo de Ducrot, Olímpio (2010):

Já na fase dos topoi, o autor admite que falar é impor ao destinatário uma apreensão argumentativa da realidade. Embora a teoria dos

topoi tenha sido abandonada na fase dos blocos semânticos, esse pressuposto da argumentatividade na língua permanece e vai permitir relacionar léxico e gradualidade. Se a língua descreve a realidade, o faz mediante os aspectos subjetivo e intersubjetivo que, articulados, produzem o valor argumentativo.

Conforme exprimido anteriormente, não aprofundaremos a teoria dos topoi, pois como observado, além de a própria teoria ter nuances complexas, a mesma foi desenvolvendo-se a ponto de obter outras nomenclaturas e abarcar mais sentidos, ou seja, a intenção de expor os topoi trata-se de valor informativo ao trabalho e ilustração prática para o conceito de pressuposição. Consequente, corroborando um pouco mais com o percurso teórico de Ducrot, podemos arrolar sumariamente em cinco etapas essenciais o trabalho individual e de parcerias com Ducrot, sendo importante destacá-las para ao final chegar-se ao reexame da pressuposição, Olímpio (2010):

- ✓ **Primeira Etapa:** Descritivismo Radical, atividades desenvolvidas no bojo da retórica clássica, embasada na concepção clássica de argumentação.
- ✓ **Segunda Etapa:** Descritivismo Pressuposicional, indicada como um reajuste da primeira, observada com abordagem mais pragmática, resultado da junção da teoria dos atos de fala, destacando a força ilocutória de valor argumentativo, todas de responsabilidade do locutor.
- ✓ **Terceira Etapa:** Esta em parceria com Anscombe, distancia-se da pragmática e postula a Teoria da Argumentação na Língua (TAL).
- ✓ **Quarta Etapa:** Reconhecendo os problemas de tratamento dos operadores argumentativos, os autores (Ducrot e Anscombe) introduzem a noção de topos (advinda de Aristóteles) para exprimir a possibilidade de conclusões divergentes.
- ✓ **Quinta Etapa:** Chamada de Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), fase atual do trabalho teórico, Ducrot juntamente com Carel defende que não há sentido fora do encadeamento discursivo, excluindo a

noção de topos, o argumento só tem sentido na sua relação com a conclusão, e, por conseguinte, a conclusão só tem sentido na sua relação com o argumento.

Com este panorama dos desenvolvimentos teóricos de Ducrot, observamos a capacidade auto-construtiva de refazer seus métodos e objetos, como a sensibilidade atenta aos novos contextos, as correntes literárias marginais, além de uma inquietação acadêmica que sempre retroalimenta suas aspirações vorazes e permanentes. Desde o início deste artigo, muitos fragmentos sinalizam o esforço de expor o conceito de pressuposição de modo geral, sem correr o risco de omitir pontos essenciais e ao mesmo tempo não incidindo no supérfluo, entretanto, notar-se-á que por se tratar de um trabalho de reflexão acerca deste conceito vasto, que teve suas mudanças e inclusões pelo próprio autor amiúde, muitas perguntas e lacunas surgiram pelo percurso, evidentemente que este trabalho também abrirá perguntas afins, porém este já se delimita nas fases de ‘O dizer e o dito’ e ‘Princípios de semântica linguística: o dizer e não dizer’, nos quesitos de pressuposição retrabalhada.

Prosseguindo este excerto supradito, depois de averiguar-se o primeiro momento de pressuposição, a evolução e percurso teórico, as etapas resumidas do trabalho de Ducrot, encontram-se resumidamente os dois momentos distintos da pressuposição, sinalizados por Guerra (1999):

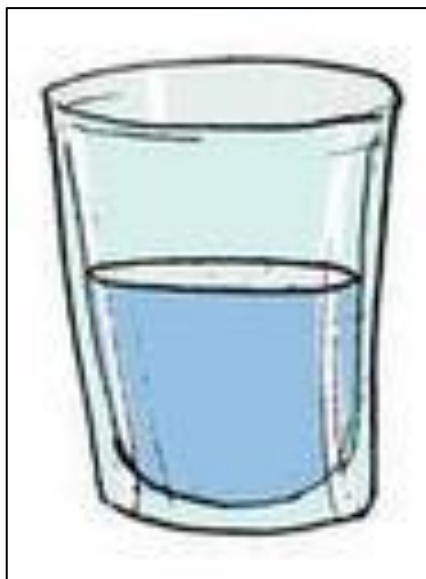
Em 1969, Ducrot formula sua primeira teoria semântica, considerando que o enunciado produzido por um locutor pode ser desdobrado em dois atos ilocutórios: ato de asserção, ou outro (posto) e ato de pressuposição (pressuposto). Sendo que o posto corresponde ao que está dito no enunciado, de exclusiva competência do locutor que, através dele, garante a realização do discurso: as novas informações se encadeiam e o faz progredir. Já o pressuposto possibilita ao locutor dizer implicitamente algo, recorrendo ao interlocutor para, juntos, interpretarem o que foi dito. Em 1987, o lingüista reformula tal descrição de pressuposição, entendendo-a como um ato de fala que pode aparecer no nível do enunciado e até mesmo sob a forma de subentendido. Com a teoria da polifonia (formulada pela primeira vez em 1980), Ducrot provoca mudanças no conceito de pressuposição quando afirma que o locutor é aquele que produz as palavras no momento da enunciação e por

ela se responsabiliza e coincide quase sempre com o falante do discurso.

Portanto podemos aferir sem receio de inconsistências, que a pressuposição, postulado indiscutível de Ducrot, possui claramente dois momentos imprescindíveis para sua compreensão, são estes:

- ❖ **Primeiro Momento:** A pressuposição está vinculada e estabilizada somente nos enunciados dos locutores, onde a análise esmiuçada do objeto está em detalhar as proposições explícitas e implícitas dos enunciados, ou seja, o posto e o pressuposto dos atos ilocutórios, levando de forma ainda leviana os atos de fala em si.
- ❖ **Segundo Momento:** Conforme as novas parcerias e influências mencionadas anteriormente, Ducrot reformula o conceito de pressuposição, ou melhor, na sua própria fala um “Reexame”, onde retoma os atos de fala mais profundamente, observando-os com os enunciados e subentendidos, culminando radicalmente na teoria polifônica, rompendo definitivamente com as raízes pragmáticas-logicistas, que descrevem seu objeto a partir de premissas estabelecidas, a linguagem “descreve” seu objeto, já Ducrot nesta versão atual preconiza que o locutor “cria” seu objeto a partir do encadeamento argumentativo da fala ou enunciado. Exemplo clássico para ilustrar esta assertiva:

Figura 1. Recipiente Contendo Água



Fonte: o próprio autor

Suponhamos que o conteúdo efetivo deste recipiente seja 500 ml de água, ou seja, seu referente (objeto) = 500 ml. No contexto pragmático-lógico a língua descreveria efetivamente seu objeto mediado pelos sentidos, o estado de coisas sinalizado por seu devido referente, porém, levando em consideração a argumentação da língua, vejamos como poderia dependendo do enunciado e encadeamento alterar este referente (objeto) = 500 ml drasticamente:

- O locutor – A diz: “Tenho um copo quase cheio”.

- Entende-se: que está mais que a metade e conseqüentemente mais que 500 ml, ou seja, o discurso alterou significativamente seu referente (objeto) justamente pelo encadeamento do discurso.

- O locutor – B diz: “Tenho um copo quase vazio”.

- Entende-se: que está menos que a metade e conseqüentemente menos que 500 ml, ou seja, o discurso alterou significativamente seu referente (objeto) justamente pelo encadeamento do discurso.

Assim, depois de constatado o valor intrínseco da argumentatividade e do subjetivo na língua, clareia-se as evoluções semânticas que Ducrot viveu nestes momentos, sendo que este último já reflete o caminho às teorias complexas, TAL

(Teoria da Argumentação na Língua), Topoi, TBS (Teoria dos Blocos Semânticos) e Polifonia.

3. CONCLUSÕES, LIMITAÇÕES E POSSÍVEIS EXTENSÕES

Procurou-se apresentar no desenvolvimento deste artigo, o conceito de pressuposição postulado por Ducrot em seus icônicos momentos, representados nas obras 'O dizer e o dito' e 'Princípios de semântica linguística: o dizer e não dizer', além de trazer apreensões da literatura semântica vigente na temática proposta. Muitas são as questões que suscitam este conceito, pela própria maneira de apresentação do autor, quiçá por sua inquietude aguçada, por seu intenso modo de apreensão da realidade semântica, o que é transposto neste trabalho, ou seja, além das questões abertas pelo próprio trabalho do autor existirão as questões que ficam abertas deste trabalho, que certamente fazem parte do objetivo para a acuidade de sentidos, a ampliação de perspectivas e possibilidade para o novo, assim como Ducrot abriu-se para estas possibilidades, não se restringindo ao já estabelecido.

Podemos sem sombras de dúvidas asseverar a importância desta abordagem semântica para os póstumos estudiosos, não só como estudo comparativo mas como base de ponto de vista não-referencialista, o que demarca a ruptura com as antigas influências acerca de Ducrot, mas que são essenciais para o aprimoramento e transformação de seu trabalho, finalizando com o chavão: o que seria do moderno sem o clássico. "A pressuposição é, então, um elemento do sentido – se se considera o sentido como acabo de propor, como uma espécie de retrato da enunciação". (DUCROT, 1987, p. 42).

Percebe-se o quão complexo seu conceito tornou-se, no quesito teórico evidentemente, porém a prática real da pressuposição fica em destaque a partir da segunda obra 'O dizer e o dito', direcionando-se para o desenvolvimento das teorias mais elaboradas TAL (Teoria da Argumentação na Língua), Topoi, TBS (Teoria dos Blocos Semânticos) e Polifonia, resultados de muitas parcerias, inquietações, elucubrações e sínteses sutis dos velhos ensaios-escritos.

Portanto, após esta breve demonstração da evolução e percurso teórico de

Ducrot, ressaltando o conceito de pressuposição, chega-se a conclusão de que acomodar-se com o já existente não desenvolve as potências e possibilidades de reflexão, dito diferente, não demonstra a abrangência de seus conteúdos, malgrado não aprofundar em determinados pontos torna-se prudente e condizente com o propósito inicial epistemológico, e Ducrot fez suntuosamente estes pontos em suas obras 'O dizer e o dito' e 'Princípios de semântica linguística: o dizer e não dizer'.

REFERÊNCIAS

BARBI, S. H. A teoria polifônica de Ducrot e a análise do discurso. **Rev. Est. Ling**, Belo Horizonte, v.8, n.1, p. 183-209, jan./jun. 1999.

DUCROT, Oswald. **Princípios de semântica linguística**: dizer e não dizer. São Paulo: Cultrix, 1977.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

GUEDELHA, C. A. M. **Refletindo sobre o fenômeno da pressuposição**. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos/4062643>. Acesso em: 24 jun. 2018.

GUERRA, V. M. L. A pressuposição no jogo polifônico e argumentativo do discurso político. **Linguagem & Ensino**, Mato Grosso do Sul, v.2, n.2, 1999.

MOURA, H. M. M. Semântica e argumentação: diálogo com Oswald Ducrot. *Delta: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*. **SciELO**, Florianópolis, v.14, n.1, fev. 1998.

OLÍMPIO, H. O. O percurso teórico de Oswald Ducrot na defesa de uma argumentação linguística. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, Vitória, v.4, n.4, 2010.

SOUZA, R. T. ; OLIVEIRA, N. F. (orgs.). **Fenomenologia hoje II**: significado e linguagem. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.